

REPRESENTAÇÕES DAS GENITÁLIAS FEMININAS E MASCULINAS NAS PINTURAS RUPESTRES NO PARQUE NACIONAL SERRA DA CAPIVARA, PI, BRASIL

Michel Justamand¹ y Pedro Paulo A. Funari²

Recibido 17 de octubre de 2015. Aceptado 2 de marzo de 2016.

Resumo

O Parque Nacional Serra da Capivara localiza-se no estado brasileiro do Piauí. Desde os anos 70 do século passado se intensificaram as pesquisas no Parque, conduzidas por Niède Guidon. Ainda hoje uma missão científica francesa atua na região, agora liderada por Eric Boeda. As pinturas rupestres foram o deflagrador do investimento científico no local. Esse fato permitiu ao Parque o reconhecimento nacional e internacional. Tornando-se patrimônio universal da humanidade reconhecido pela UNESCO, desde 1991. Elas apresentam uma infinidade de formas e cenas. Notam-se cenas de sexo, parto, andanças, lutas coletivas, amamentação, animais e plantas das mais variadas. Nesses escritos destacamos as cenas com antropomorfos, em posições sexuais (em duplas, grupais, homossexuais e zoofilia) ou de excitação coletiva. Nessas aparecem as genitálias masculinas e femininas. As genitálias femininas foram caracterizadas na região, por um semicírculo embaixo das pernas. Já as masculinas estão flagrantemente declaradas entre as pernas dos antropomorfos. Temos como objetivo no processo de buscas pela temática rupestres das representações das genitálias, apreender o que levava os artistas/comunicadores a pintarem essas cenas e não outras. Para tanto, serão apresentadas uma seleção dessas cenas ao final do artigo.

Palavras chave: genitálias, pinturas rupestres, Piauí, Brasil.

Abstract

Serra da Capivara National Park is at Piauí, Brazil. Since the 1970s, there has been a growing concern for archaeological research at the park, under the leadership of Niède Guidon. The French mission is still there, now guided by Eric Boeda. Rock art has been at the root of scholarly attention paid to the area, being recognized as Brazilian and world heritage since 1991. There are lots of subjects and styles, including representation of sex, competition, wandering, as well as a variety of plant and animal images. In this paper, we pay attention to human images, particularly in sexual intercourse (couples, group scenes, homosexual, with animals) or collective sexual activity. There are explicit references to male and female genitalia. Female genitalia are usually presented as a semi-circular sign, while the male genitalia are usually phallic. We aim at exploring the reasons for the representations of genitalia, through a study of a number of scenes.

Key words: genitalia, rock art, Piauí, Brazil.

¹ Professor Adjunto, Curso de Antropologia, INC/BC, UFAM

² Professor Titular, Departamento de História, IFCH, Universidad de Campinas (UNICAMP).

Esclarecimentos aos leitores

Nesse artigo temos a intenção de apresentar algumas cenas rupestres das genitálias de ambos os sexos, masculino e feminino, dentro do Parque Nacional Serra da Capivara e em sua circunvizinhança no estado brasileiro do Piauí. Nessa região já foram catalogados mais de 1000 sítios arqueológicos (Justamand 2012). Sendo que entre esses mais de 800 com pinturas e ou gravuras rupestres (Justamand 2010). Seguindo as fontes dos laboratórios da Fundação Museu do Homem Americano – FUMDHAM, dirigida por Niède Guidon.

Pensamos que deve haver ainda uma infinidade de outros sítios rupestres, especialmente os rupestres por se tratarem de fácil identificação, a serem cadastrados e catalogados. Tendo em vista que foi assim desde o início das pesquisas sistemáticas na região não cessam os encontros de novos sítios, fazendo crescer exponencialmente o número de sítios. Esse é um fato que ocorre permanentemente. No caso específico dos que tem cenas com as genitálias humanas são mais de uma centena. Inclusive em muitos há mais de uma cena com as demarcações genitais.

No início das escavações metódicas realizadas pela Missão Francesa liderada por Niède Guidon (Guidon 1991), acompanhada de Gabriela Martin (Martin 1999), ainda nos anos 70 do século passado, foram identificadas as tradições rupestres e se construíram suas classificações. As autoras foram responsáveis pelas suas primeiras teorizações, com publicações de artigos, livros e também pela formação de inúmeros pesquisadores. Contaram com o reforço teórico posterior de Anne-Marie Pessis (Pessis 1984), que publicou muito sobre a temática, tendo uma de suas obras (Pessis 2003) influenciado as pesquisas atuais. Nela a autora tratava, entre outros motivos rupestres, da questão das tradições rupestres. Para essas três autoras a

divisão das cenas em tradições (Nordeste, Agreste e Geométrica, além das de Incisões Rupestres: chamadas de Itacoatiara) se fazia necessário, segundo os pesquisadores, para formular uma teoria para a classificação das cenas rupestres naquele momento histórico, entre as décadas de 70 até a de 90 do século passado, mas também ainda no início do século XXI.

Por esses motivos elencados acima, as pesquisadoras fundamentaram a construção das bases para as interpretações das tradições rupestres, subtradições e estilos. Mas atualmente esse modo de análise, ao menos, na região do parque, não tem sido, necessariamente usado por todos. O motivo do início desse desuso são publicações que redimensionaram ou buscam ver por outros prismas a classificação por meios de tradições, subtradições ou algo que o valha. Assim, temos os escritos como os de Reinaldo Morales Junior (Morales 2005). Mas o mais contundente, a nosso ver, é o artigo de Guidon e Martin (Guidon e Martin 2010). Ali as autoras reformulam as suas opiniões, que já vinham se mantendo há mais de 40 anos, e explicam que são possíveis outras formas de se interpretar os registros (as pinturas e as cenas) rupestres. Lembramos ainda para os leitores que Gabriela Martin em sua palestra de abertura do X Simpósio Internacional de Arte Rupestre – X SIAR, em Teresina, capital do estado brasileiro do Piauí, comentou sobre as novas formas de ver, pensar e analisar a arte rupestre, que não somente como tradições estáticas, mas que elas se entrelaçaram com idas e vindas de saberes de outros grupos que por toda a região passaram (Martin e Anson 2014).

De qualquer forma os registros rupestres, em especial, as pinturas, apresentam datações, segundo as pesquisas locais, que podem ter até 26 mil (Lage 1998). Demonstrando que a presença humana no local seria muito antiga. Mas ainda geram muitas dúvidas essas datações e a própria

presença humana tão antiga na América do Sul (Adovasio e Page 2011). Evidentemente que podemos questionar o trabalho dos autores estadunidenses. Observar que apresentam questões político-ideológicas para não considerar as datas mais antigas sul americanas, mas não era o intuito desse nosso artigo. Por motivo de desconfiança sobre as datações preferimos nesses escritos não nos aprofundarmos, nem nas datas das cenas rupestres nem na presença humana, especialmente, muito antiga na região.

Dessa forma, as pesquisas arqueológicas da região do parque quando tratam das datações não as apresentam especificamente para as cenas das genitálias e ou outras. Não se tem um trabalho com as datações para esse fim somente. E nós não tivemos tempo de laboratório e nem financiamento público ou de outra natureza para desenvolver esse trabalho.

Nós acreditamos que as cenas de pinturas com genitálias, como outras temáticas, eram com intenções deliberadas e declaradas. Não sabemos quais eram essas intenções graças, evidentemente, a distância sociocultural e temporal que nos separam, mas pensamos que deveriam ter caráter político-cultural, social e histórico. Isso por que graças aos trabalhos de campo e as nossas observações no local, as demarcações apareciam somente onde os autores tinham interesse em determinar o gênero do antropomorfo representado. Do total de milhares dos antropomorfos plasmados nas rochas da região do parque poucos contém as demarcações. Logo a maioria se encontra sem as marcações genitais.

Lembramos ainda caros leitores que muitos dos sítios arqueológicos da região estão localizados fora da delimitação oficial do parque, uma parte de todos eles, tanto os de dentro quanto os de fora, esta sim catalogada, mas há ainda com certeza outros tantos a serem catalogados, conhecidos, reconhecidos e tratados científica-

mente.

Gostaríamos de ter tido mais espaços para apresentar outras imagens, como tabelas, dados da região, como alguns mapas, que evidentemente ajudariam a caracterizar o lugar, mas preferimos adotar a estratégia, devido à quantidade solicitada/indicada pela formatação e editoração do padrão da revista, de utilizar todas as poucas imagens permitidas diretamente das cenas com as genitais. Pensamos que dessa forma o leitor teria contato com o que é mais significativo para o artigo. Desejávamos abordar e mostrar as cenas de genitálias que é um recorte possível dentro da vasta gama de possíveis temáticas das pinturas da região do parque.

Introdução

Hoje, é comum, entrarmos em contato visual de genitálias, tanto femininas, quanto masculinas, por meio, por exemplo, dos meios de comunicação. Nem sempre são vistas de forma preconceituosa, mas há locais e culturas humanas que tratam de tentar esconder tais partes dos nossos corpos para esse ou aquele membro do grupo e ou da sociedade em que estão inseridos.

As genitálias aparecem representadas em imagens, em muitas cenas de nossos ancestrais. Aparecem em todos os continentes (África, América, Ásia, Europa e Oceania) e em diversos períodos históricos. Não é segredo que elas são vistas e ou sugeridas em muitas representações imagéticas em muitas culturas humanas. Mas o que levava os antigos artistas a esculpirem ou pintarem representações das genitálias humanas? Não temos uma resposta pronta e imediata para essa questão. Nós apenas podemos imaginar e supor, mas nunca saberemos os reais motivos. Ainda mais quando as representações têm mais de seis mil anos, algumas podendo chegar até a doze mil, como em alguns casos no

Brasil.

Neste artigo, mostraremos as genitálias humanas registradas nas rochas de São Raimundo Nonato, no interior do estado brasileiro do Piauí, assim como já demonstramos antes (Justamand 2010). Elas estão representadas e expostas em diversos sítios arqueológicos dentro do Parque Nacional Serra da Capivara – PARNA e em seu entorno.

O PARNA foi constituído depois de uma série intensa de pesquisas desenvolvidas ali. Estudos feitos em diversas áreas do conhecimento, especialmente da ciência arqueológica. Esses estudos foram, em grande medida, impulsionados pela missão científica francesa, liderada pela arqueóloga Niède Guidon. Guidon foi responsável pela equipe que apresentou para o mundo acadêmico o Parque e seus vestígios ancestrais. Entre eles as gravuras e as pinturas rupestres que contam o cotidiano dos grupos de mais de milhares de anos.

Os vestígios arqueológicos encontrados no Parque e em seu entorno foram também responsáveis pela criação de uma das maiores polêmicas da Arqueologia. Graças aos achados ali encontrados foi possível imaginar que outras rotas de imigração para as Américas teriam sido possíveis (Melo 2010). Dessa forma, contestava-se o paradigma mais conhecido e reconhecido sobre as origens da presença humana no continente. Esse paradigma era o mais aceito até aquele momento, entre as décadas de 70 a 90 do século passado, e era conhecido por resquílios arqueológicos de pontas de lanças nominados Clóvis. Muitos desses vestígios encontrados nos Estados Unidos da América – EUA ainda no início do século XX. Para muitos pesquisadores de então, as pontas de Folsom, como ficaram conhecidas as pontas de projéteis ali encontradas, atestavam a relação entre as populações siberianas e as primeiras da América, especialmente, dos EUA. Assim, para esses pesquisadores e também para

seus futuros seguidores, perpetuadores da teoria das pontas de lanças, tais resquílios comprovariam a tese de que os primeiros humanos teriam vindo somente da Ásia em direção às Américas e eram os mais antigos habitantes do continente (Neves y Humberg 1996). Tal proposição tem sido contestada por alguns estudiosos dos vestígios arqueológicos da Serra da Capivara no Brasil, mas também de outros pelo continente, até mesmo por outros sinais humanos encontrados em muitos sítios arqueológicos nos EUA (Neves y Humberg 1996b).

O PARNA teve seu reconhecimento internacional pela UNESCO em 1991, graças aos achados ali encontrados serem de importância para toda a humanidade e também por muita luta de Guidon. Esse reconhecimento se deve, em especial, às gravuras e pinturas rupestres espalhadas por milhares de sítios arqueológicos. Qualquer que seja a antiguidade da ocupação humana, o que mais importa é força das imagens que mostram a riqueza cultural dos seres humanos que habitavam o continente americano muito antes da chegada dos colonizadores europeus.

Niède Guidon contribuiu com seus escritos para a construção de bases científicas sobre as gravuras e as pinturas rupestres, e para outros achados, contou com o apoio de diversos especialistas, desde os tempos da missão francesa para desvendar os registros rupestres. Entre esses pesquisadores estão: Gabriela Martin e Anne-Marie Pessis. Elas laboraram juntas centenas de artigos em periódicos nacionais e internacionais, produziram também livros, orientaram muitos pesquisadores do Brasil e de fora, contribuindo para a construção dos saberes e do conhecimento sobre as pinturas rupestres da região. Por esses motivos, seus trabalhos são básicos para as nossas reflexões nesse trabalho. As avaliações críticas (Morales, 2005) apenas reforçam que, para além da saudável

controvérsia acadêmica, sua pesquisa foi seminal.

Assim, algumas das obras de Guidon, Pessis e Martin são basilares para muitas reflexões sobre as pinturas rupestres. Entre elas estão: *Peintures préhistoriques Du Brésil*, de Niède Guidon (1991); *Imagens da Pré-história*, de Anne-Marie Pessis (2003); e *Pré-História do Nordeste*, de Gabriela Martin (1997). Claro que elas produziram muitas outras que também contribuíram para as discussões e debates sobre as pinturas e gravuras rupestres da região (Guidon y Martin 2010).

A partir dos trabalhos das autoras citadas e de toda produção de uma geração de pesquisadores, brasileiros e estrangeiros, foi possível construir um cabedal de conhecimento que tem sido publicado de forma constante e sistemática. Esses estudos foram incentivados e levados adiante pela equipe francesa, liderada por Guidon. O grupo levantou um enorme acervo de material de toda ordem (pinturas e gravuras rupestres, ossos, líticos, cerâmicas, entre outros) para a Arqueologia brasileira e mundial.

Todo o material coletado foi analisado por especialistas de renome em suas áreas e recebeu diversas interpretações ao longo dos trabalhos da equipe (Martin 1984). A equipe está continua a atuar na região, mas sob a liderança de outro pesquisador, Eric Boëda, pois Guidon aposentou-se, embora continue à frente da luta pelo Parque, seus vestígios e belezas naturais.

O material ali coletado e suas interpretações, frutos de intensas pesquisas realizadas no Parque, desde os anos 70 do século passado, como já salientado, vêm sendo divulgado em inúmeras revistas científicas. Entre elas a CLIO (tanto a série Arqueológica quanto a Histórica), editada pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), que conta hoje com inúmeros volumes. Outro espaço para a divulgação dos saberes encontrados no parque e em seus

vestígios é a Revista FUMDHAMENTOS, editada pela FUMDHAM, tratando, especialmente, das questões relacionadas ao Parque em São Raimundo Nonato. Dentre as diversas edições da FUMDHAMENTOS, destacamos a primeira, publicada em 1996, responsável pela polêmica arqueológica, citada acima. Mas ambos os espaços acadêmicos têm sido utilizados para a publicação das interpretações dadas às cenas das gravuras e pinturas rupestres.

Nas cenas rupestres verificadas nos sítios arqueológicos encontram-se diversas temáticas. Cenas que foram registradas pelos primeiros ocupantes da região. Há ali temas do cotidiano, tais como: caçadas, andanças, lutas sociais, disputas territoriais, enfrentamentos grupais, grupos de animais (Justamand 2012a), grupos humanos, sexo (Justamand 2014a), coleta, danças (Justamand 2010), presença do feminino (Justamand, 2014b) e do masculino humano, representações da flora em relação com humanos, entre outras (Martin 1984).

Dentre a infinidade dessas cenas, destacamos para as nossas reflexões, os sítios com pinturas em que aparecem genitálias humanas. Algumas delas formando as representações dos falos (Justamand y Furnari 2014) em conjunto com as vulvas. Mas há outras cenas em que aparecem somente os falos. Em muitas cenas estão representados vários antropomorfos formando grupos. A definição das representações das vulvas foi apresentada por Pessis em *Imagens da pré-história* (2003). Ali a autora define e explica como foram representadas as vulvas. Diz que os traços definidores das representações femininas aparecem apenas nas cenas de sexo. E que elas estão claras nas caracterizações dos antropomorfos com a exteriorização da cavidade genital. A vulva apareceria apenas como um complemento do órgão genital masculino. Teria apenas a função de receptor do falo (Pessis 2003).

Esse artigo é resultante da conferência de um de nós no Primer Congreso Nacional de Arte Rupestre – CONAR, realizado na Universidad Nacional de Rosario, entre os dias 10 e 12 de setembro de 2014. A apresentação fazia parte do Simposio 2 – A más de um siglo de investigaciones, revisión crítica y nuevos enfoques teóricos para El estudio del arte rupestre y mobiliario, coordenado pelas Professoras Doutoras Mabel Fernández y Maria Teresa Boschín, e foi proporcionada por Michel Justamand, no dia 12 de setembro, intitulada: *Representações das genitálias masculinas e femininas nas pinturas rupestres da Serra da Capivara (Piauí, Brasil)*. A exposição se transformou em artigo enviado para os ANAIS do evento e que se encontra no prelo, segundo informações da organização, secretaria e edição do CONAR.

A arqueologia da sexualidade

Antes de entrarmos no estudo de caso, convém tratar, ainda que de forma breve, da epistemologia, de como a sexualidade chegou a ser objeto da Arqueologia (Marquetti e Funari 2013). A disciplina surgiu, a partir de meados do século XVIII e da descoberta de Pompeia, em 1748, em meio a uma revolução epistemológica: o iluminismo. Era todo um contexto de renovação do mundo, na forma da revolução industrial, do racionalismo e da ciência especializada que iria constituir a moderna Universidade. A indústria viria a aumentar a população e a expectativa de vida, assim como a riqueza da primeira potência industrial, a Grã-Bretanha, e depois de outros países. Para essa revolução contribuiu, de forma decisiva, o racionalismo e o empirismo experimental, o que levou à transformação da antiga *universitas studiorum* medieval, baseada na teologia e no conhecimento universal, de onde vem o nome dessa instituição, para a moderna universidade fun-

dada em disciplinas específicas. No âmbito humanístico, a Arqueologia surgiu como a busca pela materialidade dos antigos romanos e gregos, primeiro nas suas manifestações estéticas, e em seguida em tudo que fosse material e pudesse ajudar a compreender melhor o mundo antigo.

No entanto, embora das paredes de Pompeia surgissem pinturas que representassem relações sexuais, assim como falos na arquitetura e nos objetos de uso diário, e nas estátuas e nas lamparinas sobressaíssem aquilo que viria a ser chamado de sexualidade, um manto diáfano encobria esse tema (Cavicchioli 2008). Os objetos sexuais foram logo escondidos em compartimentos fechados e suas descrições encobertas pelo uso do latim para as publicações. As inúmeras inscrições tampouco foram exploradas (Feitosa 2013). Isto pode ser explicado de diversas maneiras, a começar pela manutenção do termo ao desejo, revestido, não mais apenas de pecado, como de cientificidade. A busca dos prazeres era já não apenas sinal de ofensa a Deus, mas, de forma ainda mais profunda, de insanidade (Rago e Funari 2008). A Arqueologia, filha de seu tempo, originária do imperialismo, militarista e nacionalista, não iria escapar dessa atitude, senão hostil, ao menos pouco afeita ao tema sexual.

Freud, colecionador de objetos sexuais antigos, testemunha o fascínio que tanto a cultura material, como a cultura antiga, com sua mitologia, exerciam nos intelectuais que buscavam entender o comportamento humano à luz da ciência racional. Das narrativas antigas, surgia algo novo: o complexo de Édipo. O desejo passava ao âmbito da ordenação racional, científica, normativa, passava a sintoma de patologias. Claro que, nestas circunstâncias, a Arqueologia tardaria muito a debruçar-se, de forma mais consistente e menos pejorativa, sobre o tema. Isto resultou das transformações sociais, em particular a partir da segunda metade do século XX.

Os movimentos libertários de mulheres, trabalhadores, negros, grupos religiosos e étnicos, entrou outros, assim como as transformações tecnológicas, levaram a uma crescente liberação de costumes, como bem atestado na década de 1960 com a pílula contraceptiva e com os movimentos hippies.

A Arqueologia passaria a tratar das evidências sexuais com menos preconceito e mais abertura, tanto referentes à antiguidade greco-romana, quanto à pré-história. As instituições mais venerandas, como o Museu Britânico, iriam publicar obras sobre o tema, sem pudor ou restrições, em particular a partir do último quartel do século XX. Mas, qual a mudança epistemológica que permitiu adentrar por essa temática? Foram ao menos três. Em primeiro lugar, está a constatação que o conhecimento arqueológico, como qualquer outro, está inserido em sua época e é tributário dos interesses contemporâneos. Num mundo preocupado e até mesmo saturado de curiosidade pela sexualidade, a disciplina não poderia escapar de se ocupar disso também. Em seguida, a sexualidade constituiu uma maneira de inserir a disciplina nas discussões contemporâneas e, como isso, mostrar sua relevância. Mas, em não menor medida, foi constatação que as evidências materiais, mais do que concordar, ilustrar ou complementar as informações literárias ou orais (*contra* Meneses 1983), podiam servir para fornecer argumentos novos e mesmo contraditórios em relação às narrativas conscientes e direcionadas das fontes escritas ou orais (Funari 2006). Como veremos neste artigo, isto fica muito claro no estudo das pinturas parietais antiqüíssimas da Serra da Capivara.

O que motivou a busca pela temática das genitálias?

As nossas buscas por pesquisar as te-

máticas rupestres têm sua origem ainda na graduação em História, realizada entre 1995 e 1999, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC – SP de um dos autores (Justamand). Essas buscas se estendem no mestrado na mesma instituição da graduação. Mas é no doutorado e no pós-doutorado, sob a supervisão do segundo autor (Funari), que a temática das representações das genitálias nas pinturas rupestres ganha mais força devido aos trabalhos de campo revelarem muitas cenas e seus vestígios sobre esse tema em especial. Por tal motivo descrevemos abaixo os percursos acadêmicos que por que passamos durante os dois momentos e que impulsionaram as pesquisas.

No período de 2003 a 2007, durante o doutoramento de Justamand, em Antropologia, a pesquisa abriu caminho para a observação de que, além de comunicar seus intentos, os grupos usuários das pinturas rupestres diversificaram suas temáticas e tinham ali plasmados diversos assuntos relacionados com o cotidiano de nossos ancestrais. Algumas delas foram apresentadas na tese e receberam, em conjunto, o nome de Gestuais Rupestres. Neles são vistas as diversas formas de caçadas, a musicalidade, as lutas sociais, os partos, a sexualidade, as andanças, as brincadeiras, as danças, a violência, a religiosidade. Notam-se, também, as relações entre humanos e animais e a presença das mulheres em muitas cenas.

As cenas das pinturas rupestres relacionam-se com os interesses múltiplos dos grupos usuários desejosos de comunicar, ensinar e transmitir conhecimentos e saberes acumulados ao longo do tempo para as gerações futuras. A tese, defendida em outubro de 2007, no Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais da PUC-SP teve o nome de *O Brasil desconhecido: as pinturas rupestres de São Raimundo Nonato – Piauí* e transformou-se em livro em 2010 (Justamand 2010).

No ínterim, dos trabalhos de campo e de escrita do doutorado foram produzidas outras publicações em artigos e livros. Assim, surgiram *As pinturas rupestres na História e na Antropologia: uma breve contribuição*, de 2005, publicado pela Margê (Justamand 2005), onde mostramos a importância das pinturas rupestres para ambas as áreas, História e Antropologia, do conhecimento humano. Já no trabalho intitulado *As relações sociais nas pinturas rupestres* (Justamand 2007a), buscamos revelar e desvelar as relações sociais existentes nas cenas rupestres que apareciam entre as temáticas dos Gestuais Rupestres, principal capítulo da tese.

Outra obra que publicamos foi *As pinturas rupestres na cultura: uma integração fundamental* (Justamand 2006), onde procuramos abordar as relações existentes nas pinturas como formas culturais e fundamentais para os grupos ancestrais. E mais uma publicação que lançamos durante a realização do doutorado foi *Pinturas rupestres do Brasil: uma pequena contribuição*, em 2007 (Justamand 2007b), ano da defesa da tese. Nela, demonstramos que as pinturas contribuem como arte e comunicação dos intentos daqueles grupos ancestrais para a História Antiga do Brasil.

Dessa obra, nasceu ainda o capítulo do livro *Olhares sobre a História do Brasil*, intitulado *As pinturas rupestres no Brasil: uma discussão atual* (Justamand 2008). Nesse capítulo, abordamos a importância das pinturas rupestres para se entender melhor a história mais antiga de nosso país. O que permitiu tal entendimento foi o fato de trazerem, em si, uma parte das histórias dos antigos habitantes do espaço hoje conhecido como Brasil (Furnari 2001).

Já o pós-doutorado teve como mote a presença das mulheres nas cenas rupestres, temática apontada, entre outras, no principal capítulo da tese de doutorado. O trabalho teve a intenção de aprofundar

pontos que já nos acompanham desde a graduação. Foi realizado também na PUC/SP, onde havíamos feito a graduação, o mestrado e o doutorado.

Esse trabalho foi, no fundo, um retorno ao nascedouro da nossa formação acadêmica. Desenvolveu-se no Programa de Pós-Graduação em História, foi iniciado em 2011 e concluído no ano seguinte. O título foi: *As mulheres nas pinturas rupestres de São Raimundo Nonato – Piauí*, publicado em forma de capítulo de livro, com os dados preliminares, com o título de *As “mulheres” de São Raimundo Nonato, cenas rupestres do feminino* (Justamand 2012b). Foi uma das ações desenvolvidas no período de estágio pós-doutoral, quando ocorreram também participações em eventos, orientações de mestrado e/ou participações em bancas de qualificação e de defesa de pós-graduações, entre outras ações. Orientamos duas dissertações de mestrado na UNAL – Universidade Nacional da Colômbia graças a sermos colaboradores no Programa de Pós-Graduação em Estudos Amazônicos, naquele momento entre 2010 e 2012, na sede de Letícia da instituição colombiana.

As reflexões e as interpretações das cenas rupestres do feminino foram apresentadas em livro no ano de 2014 (Justamand 2014b). Demonstramos, nesses escritos, que as mulheres, como mostram as cenas, participavam muito mais efetivamente da vida e das tomadas de decisões dentro dos grupos do que se pode imaginar (ver Wragham 2010). Elas eram as responsáveis por garantir a alimentação mais importante para o grupo, por meio da coleta de frutas, verduras (Reed 1980). Talvez a caça/domesticação de pequenos animais também fossem atribuições das mulheres da época (Sahlins 1978). Esse trabalho foi um dos desdobramentos da tese, que já tratava das mulheres.

Objetivo, metodologia, hipóteses e justificativa

Parece-nos que as genitálias apresentadas pelos artistas ancestrais tinham motivos de interesse dos grupos usuários das cenas para aparecerem. Ou seja, elas não apareciam em qualquer cena. Nosso objetivo seria entender o porquê dessa ação deliberada dos artistas, de pintarem num local e em outros muito similares não o fazerem. Pensamos isso porque em inúmeras cenas de caça, por exemplo, não se notam nem os falos nem as vulvas. Há outras cenas do quotidiano registradas pelos artistas onde também não se veem nem uma nem outra demarcação da sexualidade ou de gênero nos antropomorfos, mas não é sempre dessa maneira, conforme será demonstrado mais adiante. Talvez fosse porque os artesãos rupestres apenas distinguíssem os registros com as genitálias naqueles que lhes interessassem e/ou que tivessem mais necessidades desse detalhamento naquela determinada cena.

Já para a metodologia incluiu buscar, encontrar e visitar o maior número de sítios, entre os que já estão cadastrados na FUMDHAM, tanto dentro do Parque, quanto os que fazem parte de sua circunvizinhança, desde que tivessem cenas de representações das genitais humanas. O intuito era localizar esses sítios rupestres com o apoio logístico de guias experientes e vinculados às associações locais de guias de São Raimundo Nonato. Alguns deles já haviam feito trabalhos anteriores de pesquisa conosco.

Relaciona-se ainda a parte da metodologia, escolher os sítios, fotografar, de diferentes posições, as cenas rupestres com as representações em variadas tomadas. E também comporta, parece-nos, a parte metodológica das pesquisas que fizemos a dinâmica dos “recortes” das cenas nas fotos, buscando os detalhes de onde estão as genitálias, para as posteriores análises de

laboratório e apresentadas ao final desses escritos.

As cenas rupestres, em suas tomadas gerais e ou em seus recortes, com representações genitais compõem um quadro a partir do qual é possível realizar as interpretações e análises. A nossa hipótese é que houve uma seleção intencional dos grupos, com seus autores e pintores, dos paredões mais adequados para sua cultura, para pintarem suas cenas diversas e, em especial, as genitálias. E nos nossos trabalhos de campo buscamos recuperar entre os sítios arqueológicos dados necessários para asseverar essa nossa hipótese. Supomos que pintavam as genitálias onde julgavam ser mais importantes, necessários e significativos para si e para os que participavam daquelas sociedades.

Imaginamos essa hipótese pelo fato de haver na região milhares de locais não pintados, mesmo tendo muitas semelhanças com aqueles que foram usados para a produção, realização e confecção das pinturas. Um segundo motivo que nos leva a essa hipótese é que nos sítios arqueológicos onde se encontram pinturas que formam cenas das mais variadas temáticas, as com as genitálias poucas vezes aparecem. Mesmo em cenas muito recorrentemente expressas por antropomorfos masculinos, os falos ou as vulvas não aparecem, como é o caso das cenas de caça, relacionadas, em geral, com afazeres masculinos ou as de coleta, em particular, indicada por muitos pesquisadores, como sendo um afazer atribuído ao gênero feminino. Dessa forma, as cenas com falos ou vulvas poderiam compor um sistema conhecido, reconhecido e respeitado entre os grupos. Elas eram um código de conduta do período (Arrizabala-ga 2005), pois indicavam onde era preciso aparecer genitálias (os falos e as vulvas) e onde eram desnecessários.

Assim, a pesquisa, sua análise e publicação dos resultados justificam-se, a nosso ver, porque o número de sítios arqueológi-

cos rupestres na região do Parque Nacional Serra da Capivara, está em constante aumento. Esses novos sítios, como o sítio das Andorinhas, encontrado em 2013, não ainda catalogado pela FUMDHAM, aguardam ser pesquisados, analisados e ganhar novas reflexões, como as que apresentamos agora em seguida. Essas reflexões poderão ser feitas em relação não somente aos novos, mas também em conjunto com os outros sítios já conhecidos. Alguns são importantes para a História do Brasil e da Humanidade, como o Boqueirão da Pedra Furada – BPF, sítio responsável pela polémica causada sobre a chegada dos primeiros americanos.

Buscamos com esta publicação proporcionar o conhecimento e o reconhecimento desses sítios novos e suas possíveis relações com os outros. Acreditamos que essa ação tenha razões pedagógicas, sociais e culturais por desvelar uma História mais antiga, muito antes de 1500, ainda desconhecida, do Brasil e, porque não, da América para o mundo.

Uma breve apresentação das cenas rupestres pintadas

Imaginamos que nas cenas pintadas de rituais, como é o caso da feita no sítio Toca da Passagem, em que aparecem as vulvas e os falos foram necessários demonstrar a presença dos dois órgãos genitais para, quem sabe, demarcar os gêneros (Figura 1). Diferentemente do que propõe Pessis (2003), acreditamos, depois de muitas pesquisas de campo e análises laboratoriais, que os artistas registraram também as vulvas em cenas que não eram as de sexo apenas. Como aparece na figura abaixo na cena de um ritual ancestral.

As localizações das cenas interpretadas a seguir são dos sítios arqueológicos do Parque Nacional da Serra da Capivara. Dentro do Parque as pinturas estão plas-

madadas em quatro formações rochosas de grande envergadura, conhecidas como serras: a vermelha, a talhada, a branca e a da capivara. As pinturas costumavam ser feitas nos baixões e ou boqueirões, bem próximo do solo por onde se anda sem nenhuma dificuldade e ou ladeira, e nas encostadas, com certo grau de dificuldade para a realização das produções, mas também encontramos pinturas nas partes mais altas das serras. Esses últimos são locais onde o grau de dificuldade de acesso é muito maior. O contexto que possibilitou as pinturas é de espaços abertos, com muita ventilação. Os sítios rupestres aqui apresentados têm facilidade de acesso e amplos espaços para as pinturas. Ali se inscreveram outros episódios do cotidiano da época. As cenas com a presença das genitálias não costuma aparecer sozinha, ou seja, em todos os sítios com esses tipos de pinturas há a comparecimento de outras cenas em conjunto.

No sítio mais famoso do Parque, o Boqueirão da Pedra Furada – BPF há uma cena onde os antropomorfos aparecem de mãos dadas com seus falos eretos (Figura 2). Imaginamos que ali também se demonstra a alegria, talvez porque tivessem tempo suficiente para as realizações artísticas (Boas 1996) e diversões, dos integrantes dos grupos.

Na próxima figura plasmada nas rochas do sítio Toca do Baixão da Vaca notamos uma das cenas de representação da penetração (Figura 3). É possível ver que o falo esta em posição de penetração e a vulva, em forma de semicírculo, pronta para receber a ação sexual.

A próxima cena de penetração esta relacionada com animais (Figura 4). Nela, notam-se representações de dois antropomorfos com falos e um animal. Um dos antropomorfos tem uma de suas mãos no falo do outro e o seu falo em direção à parte posterior de um animal de quatro patas. Parece-nos que não era fora do comum



Figura 1. Cena do ritual: Toca da Passagem



Figura 2. Cena das mãos dadas e falos eretos: Boqueirão da Pedra Furada



Figura 3. Cena de penetração: Toca do Baixão da Vaca

esse tipo de acontecimento, um animal participar das ações e nem de termos um antropomorfo com falo relacionado com outro também com falo.

Reservamos para a última apresentação a cena da penetração grupal (Figura 5). Nessa cena aparece mais de um antropomorfo com falo. No sítio Baixão do Perna IV há essa especificidade que também atrai a nossa atenção. Ali nota-se a presença de cinco antropomorfos com falos prontos para a penetração ou em posição de fazê-

lo. Nota-se, ainda, a presença de dois antropomorfos a serem penetrados, mas sem a demarcação das vulvas. Dessa forma não sabemos se são do gênero feminino ou não. E ainda se nota a presença de zoomorfos e outros antropomorfos a observar a cena.

Considerações finais

Ao longo do artigo procuramos apresentar algumas cenas rupestres de um



Figura 4. Cena da penetração animal/humana: Toca do Caldeirão dos Rodrigues



Figura 5. Cena do sexo grupal: Toca Baixão do Perna IV

universo pouco conhecido das pinturas de São Raimundo Nonato, Piauí, Brasil. Mesmo após alguns trabalhos de campo visando e visitando sítios arqueológicos com o intuito de registrar as cenas rupestres com genitálias, temos a certeza de que o trabalho não se esgota. Porque ainda há muitos sítios a serem conhecidos e outros tantos reconhecidos na região. Isso porque novos sítios são encontrados, frequentemente, na região do Parque.

Não nos preocupamos, neste artigo, em abordar uma determinada tradição rupestre, estilo e ou subtradição, em especial, como são conhecidas as pinturas e gravuras rupestres, feitas por especialistas na região. Na região do Parque Nacional Serra da Capivara apresentam-se, segundo especialistas, três grandes tradições que englobam algumas subtradições e seus estilos. Preocupamo-nos, sim, em apresentar as pinturas que contivessem o tema que queríamos abordar, ou seja, a das representações das genitálias nas rochas.

Procuramos, ainda, mostrar que as representações das genitálias, tanto as masculinas quanto as femininas, estão plasmadas nas rochas em diferentes situações do cotidiano rupestre. As cenas com genitálias aparecem em cenas da sexualidade entre humanos, como afirmou Pessis (2003), em duplas, trios e/ou grupais, mas também em rituais sociais, talvez, em festas, cerimoniais, sem que saibamos seu significado e motivações exatos, às vezes, em cenas da sexualidade com animais. Há algumas cenas de antropomorfos com suas indumentárias sugerindo identidade social, como roupas e cocares, e com seus falos à mostra. Pensamos que apresentar as genitálias nesses contextos servia para demonstrar a importância de determinados atos e a necessidade da presença das genitálias seria para indicar o gênero do humano que deveria estar ali realizando essa ou aquela tarefa cotidiana.

Assim, baseados em nossos trabalhos

de campo, no qual visitamos centenas de sítios arqueológicos, e nossas análises laboratoriais, acreditamos que os grupos usuários e seus artistas pintavam nas rochas as genitálias quando lhes era interessante, necessário e importante, como lembra Eiszler (1996), para marcar a identidade de gênero nos registros.

O presente trabalho pretendeu mostrar que os artistas rupestres apresentavam para seus pares algumas cenas de penetrações menos representadas alhures, pois não deixaram de mostrar a possibilidade da diversidade de comportamento sexual que pode ter existido, nos seus modos de ver, dentro da sociedade em que viviam. Ou seja, eles pintaram cenas de relações sexuais de pessoas do mesmo sexo e ainda outras com animais.

Esperamos por fim que esses escritos possam de alguma forma contribuir com os debates sobre as diversidades sexuais e sociais, mostrando que desde muito antes de 1500 outras formas de ver, pensar e agir são possíveis entre os seres humanos. Nós, de fato, não vivemos num mundo de pensamento único, nem hoje e nem ontem!

Agradecimentos

Agradecemos pela realização dos trabalhos de campo e de seus estudos, análises, reflexões e publicações as seguintes pessoas: o guia que nos conduziu pelo Parque Nacional Serra da Capivara, o Sr. Mário Filho; e a presidente da FUMDHAM, Niède Guidon, pela possibilidade de entrada no Parque; à supervisão no pós-doutorado da Professora Dra. Yvone Dias Avelino, realizado na PUC/SP, entre 2011 e 2012. Agradecemos, ainda, a Marina Régis Cavicchioli, Lourdes Feitosa e Margareth Rago. Mencionamos, ainda, o apoio institucional do CNPq, FAPESP, Unicamp e UFAM. A responsabilidade pelas ideias restringe-se aos autores.

Referências bibliográficas

- ADOVASIO, J. M. e J. PAGE. 2011. *Os primeiros americanos*. Record, Rio de Janeiro.
- ARRIZABALAGA RIVERA, Á. 2005. *Arqueología cognitiva: origen del simbolismo humano*. Arco Libros, Madrid.
- BOAS, F. 1996. *Arte primitiva*. Fenda Edições, Lisboa.
- CAVICCHIOLI, M.R. 2008. The erotic collection of Pompeii: archaeology, identity, and sexuality. En *New Perspective on the Ancient World. Modern perceptions, ancient representations*, editado por P.P.A. Funari, R. Garraffoni e B. Letalien, pp. 187-194. BAR International Series 1782, Archeopress, Oxford.
- EISZLER, R. 1996. *O prazer sagrado: sexo, mito e política do corpo*. Rocco, Rio de Janeiro.
- FEITOSA, L.C. 2013. *The Archaeology of Gender, Love and Sexuality in Pompeii*. BAR International Series 2533, Archeopress, Oxford.
- FUNARI, P.P.A. 2002. *Os antigos habitantes do Brasil*. Editora da UNESP, Imprensa Oficial do São Paulo, São Paulo.
- FUNARI, P.P.A. 2006. Fontes arqueológicas - os historiadores e a cultura material. En *Fontes Históricas*, editado por C. B. Pinsky, pp. 81-110. Editora Contexto, São Paulo.
- GUIDON, N. 1991. *Peintures préhistoriques du Brésil. L'art rupestre du Piauí*. Editions Recherche sur les Civilisations, Paris.
- GUIDON, N. y G. MARTIN. 2010. A onça e as orantes: uma revisão das classificações tradicionais dos registros rupestres do NE (nordeste) do Brasil. *Revista Clío, Serie Arqueológica UFPE* 25 (1):11-30.
- JUSTAMAND, M. 2005. *As pinturas rupestres na História e na Antropologia: uma breve contribuição*. Margê, Francisco Morato.
- JUSTAMAND, M. 2006. *As pinturas rupestres na cultura: uma integração fundamental*. Alexa Cultural, Embu das Artes.
- JUSTAMAND, M. 2007a. *As relações sociais nas pinturas rupestres*. Alexa Cultural, Embu das Artes.
- JUSTAMAND, M. 2007b. *Pinturas Rupestres do Brasil: uma pequena contribuição*. Alexa Cultural, Embu das Artes.
- JUSTAMAND, M. 2008. As pinturas rupestres no Brasil: uma discussão atual. En *Olhares sobre a História do Brasil*, editado por E. Souza e J.C.C. Grillo, pp.13-33. Primeira Impressão, São Paulo.
- JUSTAMAND, M. 2010. *O Brasil desconhecido: as pinturas rupestres em São Raimundo Nonato – Piauí*. Achiamê, Rio de Janeiro.
- JUSTAMAND, M. 2012a. *Comunicar e educar no território brasileiro: uma relação milenar*. Alexa Cultural, Embu das Artes.
- JUSTAMAND, M. 2012b. As “mulheres” de São Raimundo Nonato – PI: cenas rupestres do feminino. En *História e representações: cultura, política e gênero*, editado por M. Justamand, e L.M.G. Mendes, pp. 81-108. Achiamê, Rio de Janeiro.
- JUSTAMAND, M. 2014a. Rochas de Livres prazeres. *Revista de História da Biblioteca Nacional* 10(109):62-67.
- JUSTAMAND, M. 2014b. *A mulher rupestre. Representações do feminino nas cenas rupestres de São Raimundo Nonato – Piauí*. Alexa Cultural, Embu das Artes.
- JUSTAMAND, M. e P.P.A. FUNARI. 2014. Representações da sexualidade e dos falos: nas cenas rupestres de São Raimundo Nonato – Piauí, muito antes de 1500. *Revista Sodebrás* 9(99):53-56.
- LAGE, M.C. 1998. Datações de pinturas rupestres da área do PARNA Serra da

- Capivara. *Revista Clio, Série Arqueológica UFPE* 13:203-213.
- MARQUETTI, F.R. e P.P.A. FUNARI. 2013. Sexualidade e sentimento religioso no Paleolítico: narrativas elementares de hierogamia entre Vênus e os animais. *Alethéia* 1:55-69.
- MARTIN, G. 1984. Amor, violência e solidariedade no testemunho da arte rupestre brasileira. *Revista Clio, Série Arqueológica, UFPE* 6(1):27-37.
- MARTIN, G. 1999. *Pré-história do Nordeste do Brasil*. EdUFPE, Recife.
- MARTIN, G. e I. ASON. 2014. Dispersão e difusão das tradições rupestres no Nordeste do Brasil. Caminhos de ida e volta?. *Clio, Série Arqueológica, UFPE* 29(2):9-23.
- MELO DE PINHEIRO, P. 2000. O problema do povoamento da América: uma nova proposta explicativa. *Revista Clio, Série arqueológica, UFPE* 14:263-280.
- MENESES, U.T.B. 1985. A cultura material no estudo das sociedades antigas. *Revista de História* 115:102-117.
- MORALES J.R. 2005. The Angelim Style and Northeast Brazilian Rock Art. In *Making Marks: Graduate studies in Rock Art Research at the New Millennium*, editado por J.K.K. Huang e E.V. Culley, pp. 27-39. American Rock Art Research Association, Tucson.
- NEVES B.A. M e F.R. HUMBERG. 1996. *Os povos da América: dos primeiros habitantes às primeiras civilizações urbanas*. Atual, São Paulo.
- PESSIS, A.M. 1984. Métodos de Interpretação da Arte Rupestre pré-histórica: análise preliminar da ação. *Revista de Arqueologia da UFPA* 2(1):47-58.
- PESSIS, A.M. 2003. *Imagens da Pré-história*. FUMDHAM, São Raimundo Nonato.
- RAGO, L.M.E. e P.P.A. FUNARI. 2008. Antigos e modernos: cidadania e poder médico em questão. En *Subjetividades antigas e modernas, v.1*, editado por M. Rago y P.P.A. Funari, pp. 15-28. Anna-blume, São Paulo.
- REED, E. 1980. *Sexo contra sexo ou classe contra classe*. Versus, São Paulo.
- SAHLINS, M. 1978. A primeira sociedade da afluência. En *Antropologia Econômica*, editado por E. Carvalho de Assis, pp. 6-43. Livraria Editora Ciências Humanas, São Paulo
- WRAHGHAM, R. 2010. *Pegando fogo: por que cozinhar nos tornou humanos*. Zahar, Rio de Janeiro.